



O Novo Instituto de Educação e Adestramento do Departamento de Defesa dos EUA

Sanford Bishop

EMBORA a Escola das Américas (*School of the Americas — SOA*) esteja por passar para a história, o fundamento básico do programa desta Instituição do Exército — que tem ensinado profissionalismo militar e apoio aos princípios democráticos para 63.000 militares latino-americanos e funcionários públicos, durante os últimos 54 anos — continuará a viver sob a forma de um novo instituto do Departamento de Defesa, no mesmo local, Forte Benning, Geórgia, porém com um maior enfoque e missão.

Esse é o resultado de duas votações no Congresso dos EUA em 2000, que juntas não apenas manterão o centro de educação e o programa de adestramento vivos, mas oferecerão um melhor caminho para garantir e manter o apoio político e a estabilidade no futuro.

O resultado de uma das votações foi 214 a 204 contra a emenda que pedia a extinção da Escola e um estudo para determinar se qualquer outro programa semelhante deveria ser, alguma vez, restabelecido. Embora a diferença de votos fosse pouca não deixou de ser uma derrota para os oponentes da SOA, que haviam se esforçado sobremaneira e contavam ganhar a causa. A segunda foi para votar a proposta de um plano inovador de transição, feita pelo Secretário do Exército Louis Caldera, apoiado pelo Secretário de Defesa e pela Administração, incluída nas versões separadas do projeto de lei aprovado pelo Congresso e pelo Senado no ano passado.

Essas votações representaram, ao meu ver, um compromisso do Congresso em abordar quaisquer temas do passado e seguir adiante com um programa que tem reputação comprovada na construção de laços mais próximos e fortes entre os EUA e as democracias vizinhas

Ninguém sabia, em 1999, qual seria o destino da Escola das Américas quando o Congresso . . . convocou a sua 106^a assembléia. Embora a Escola não tenha sobrevivido, o extraordinário espírito dos programas de adestramento e educação militar profissional dos EUA e sua missão foram reforçados, e a proposta instituição do Departamento de Defesa se encontra em condições de servir aos interesses dos EUA e da América Latina ainda por muitos e muitos anos.

do Sul. Efetivamente, um acordo foi feito e enviado ao Presidente para a sua assinatura.

Entre outras iniciativas, o plano propunha:

- fechar a Escola das Américas e abrir o Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação de Segurança (este foi o nome proposto pela Câmara de Deputados);
- incluir no currículo escolar extensa instrução sobre direitos humanos e democracia;
- enfatizar as operações de apoio à paz, tais como manutenção da paz,
- assistência em caso de calamidades, combate ao narcotráfico, e terrorismo e outras exigências contemporâneas, tudo dentro de um ambiente democrático onde prevalece a autoridade civil;
- permitir uma fiscalização externa, com representação do corpo de monitoramento independente do Instituto, a comissão de visitantes oriundos de organizações comunitárias religiosas, acadêmicas e de di-

No dia 30 de outubro de 2000, o presidente Clinton assinou a Ata de Autorização de Segurança Nacional do ano fiscal de 2001, proposta pelo senador Floyd D. Spende. A legislação, conforme o Título 10, seção 2166, estabeleceu o Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação de Segurança.

A Escola das Américas
no Panamá.



Foto: Escola das Américas

A escola possui uma longa e honrosa história, porém mutante. Fundada em 1946, ela foi primeiro estabelecida no Forte Amador, na Zona do Canal do Panamá, como o Centro Latino-Americano — Divisão Terrestre de Adestramento dos EUA. Quatro anos mais tarde, sob o nome de Escola Caribenha do Exército dos EUA — Instrução em Espanhol, ela foi transferida para o Forte Gulick no lado Atlântico do istmo. Em 1963, passou a ser a Escola das Américas do Exército, e em 1984 foi transferida para o Forte Benning, em Columbus, Geórgia

reitos humanos, e os membros do Congresso;

- ter um amplo e diversificado corpo de alunos, incentivando e admitindo nos cursos regulares para militares e policiais pessoas que trabalham ou não para o governo;
- possuir um dinâmico corpo de palestrantes, trazendo especialistas da área civil de todas as repartições governamentais para trabalhar em conjunto com os instrutores militares. Esta iniciativa dá continuidade a programas anteriores do Departamento de Defesa, cujo objetivo é promover um hemisfério pacífico onde haja democracia e todos tenham oportunidades de compartilhar os ganhos econômicos.

O resultado desses votos representou a vitória da verdade e da razão sobre uma propaganda, em todo o território nacional, conduzida por um movimento chamado *SOA Watch* (Vigilantes da Escola das Américas), que reivindicava a existência de um elo entre os abusos dos direitos humanos atribuídos a alguns graduados da escola e ela própria. Por meio de demonstrações dramá-

ticas e da difusão de informações errôneas e falsas a igrejas e outras organizações, em todo o país, a campanha contagiou a opinião pública que, embora limitada, foi suficiente para causar uma reação no Congresso contra a Escola das Américas.

Tradicionalmente, o Exército não está preparado para enfrentar esse tipo de propaganda doméstica. Porém, durante o ano de 1999, o Pentágono realizou um contra-ataque mais agressivo, e os partidários no congresso, como eu, trabalhamos arduamente para convencer os nossos colegas. Parece que se conseguiu reverter o quadro negativo em relação à Escola das Américas.

Na realidade, a evidência contra qualquer elo entre a escola e os abusos aos direitos humanos é esmagadora. Dos doze estudos e investigações conduzidas sobre esse estabelecimento desde 1989, inclusive pelo Escritório de Auditoria Geral, órgão de investigação do Congresso, não foram encontrados dados concretos que justificassem as acusações feitas pelos Vigilantes da Escola das Américas de que esta instituição ensinava

ou instigava os latino-americanos a cometerem crimes. Além disso, milhares de graduados já afirmaram que a escola, pelo contrário, promove os direitos humanos e a democracia. Como deputado da área onde está localizado esse estabelecimento de ensino, várias vezes visitei e conversei pessoalmente com muitos alunos e instrutores. Toda a informação adquirida confirma que o programa é uma força positiva para o governo.

Quando o currículo dos graduados da escola é analisado de forma honesta e imparcial, constata-se que apenas uma pequena parcela tem participado de ações indignas, enquanto a maioria vem servindo na linha de frente na luta pelos direitos humanos e pela democracia, especialmente os graduados desta última década.

A escola possui uma longa e honrosa história, porém mutante. Fundada em 1946, ela foi primeiro estabelecida no Forte Amador, na Zona do Canal do Panamá, como o Centro Latino-Americano — Divisão Terrestre de Adestramento dos EUA. Quatro anos mais tarde, sob o nome de Escola Caribenha do Exército dos EUA — Instrução em Espanhol, ela foi transferida para o Forte Gulick no lado Atlântico do istmo. Em 1963, passou a ser a Escola das Américas do Exército, e em 1984 foi transferida para o Forte Benning, em Columbus, Geórgia, onde tem desfrutado de grande apoio não só da comunidade como também de toda essa região do país.

Desde o início seu currículo e estrutura passaram por um processo evolutivo apresentando, eventualmente, o mais avançado método de adestramento em direitos humanos do mundo. Embora a destreza técnica dos soldados tenha sempre sido parte do programa, cada vez mais a ênfase tem recaído no respeito pelos valores democráticos e no cumprimento da lei, nos direitos humanos, e no papel das forças armadas sob a autoridade de um governo civil eleito democraticamente.

A fiscalização e a revisão das atividades da escola têm sido reforçadas, e novos métodos de seleção foram implementados para garantir que os alunos admitidos sejam partidários da democracia. O sistema de ensino e seu programa são os responsáveis pela excepcional qualidade dos militares, policiais e funcionários públicos graduados, com grande capacidade

de liderar suas organizações e nações no futuro.

Todos os presidentes dos EUA, democráticos ou republicanos, têm apoiado o programa como um instrumento de apoio à política externa, acreditando que auxiliar no aperfeiçoamento dos níveis de profissionalização dos militares da região é um componente fundamental dos esforços norte-americanos para promover a segurança e a estabilidade, e reforçar as instituições democráticas em todo o hemisfério.

O elemento mais importante do programa são os alunos, que têm a oportunidade de visitar a comunidade e os centros de interesse em todo o país, serem hospedados por famílias norte-americanas, e por meio do trabalho em sala de aula e das experiências pessoais adquirirem uma compreensão equilibrada das instituições e valores dos Estados Unidos.

Os cidadãos de Columbus, Geórgia; Phenix City, no Alabama e as áreas circunvizinhas estabeleceram um relacionamento exemplar, não apenas com os soldados norte-americanos e suas famílias, mas também com os militares estrangeiros que aqui vêm para estudar e aprender. Tenho grande orgulho pela aceitação desses visitantes em nossos lares e nosso meio de vida, e estou certo de que os alunos selecionados para cursarem o novo instituto do Departamento de Defesa estão sendo recebidos da mesma forma. Pode-se observar, diariamente, bons exemplos dos valores norte-americanos nos estabelecimentos de comércio, nas igrejas, nas repartições públicas, nos restaurantes, nas escolas e em outros locais em Columbus e nas imediações. Não sei de nenhum outro lugar mais apropriado para encontrar, aprender e compartilhar experiências do que nesse estabelecimento de ensino.

Ninguém sabia, em 1999, qual seria o destino da Escola das Américas quando o Congresso — eleito por dois anos — convocou a sua 106ª assembléia. Embora a Escola não tenha sobrevivido, o extraordinário espírito dos programas de adestramento e educação militar profissional dos EUA e sua missão foram reforçados, e a proposta instituição do Departamento de Defesa se encontra em condições de servir aos interesses dos EUA e da América Latina ainda por muitos e muitos anos. **MR**

Sanford D. Bishop, Jr. é deputado pela Geórgia em seu quarto mandato. Formou-se pelo Morehouse College em 1968 e é Ph.D em jurisprudência pela Emory University em 1971. Serviu no Exército dos EUA, completando o adestramento básico no Forte Benning, Geórgia; a seguir entrou para o Curso Avançado de Adestramento para o Componente da Reserva, deixando o serviço ativo com honras, em 1971. Seus serviços públicos são dedicados para que os cidadãos tenham uma melhor qualidade de vida ao promover mais empregos e uma economia mais forte e diversificada; uma população com melhor educação; comunidades seguras livre dos crimes e das drogas; ambiente limpo, seguro de saúde mais acessível e uma sólida defesa nacional, tudo no contexto de um orçamento equilibrado. É membro permanente do Comitê de Representantes dos Assuntos dos Veteranos no Congresso (House Veterans Affairs Committee). Participa, ainda, em outras atividades tais como, vice-chefe da Força-Tarefa Forestry 2000, Comitê dos Componentes da Guarda Nacional e da Reserva, Comitê do Poder Aéreo no Congresso, Comitê da Polícia, Comitê para a Segurança Nacional e Representante dos Veteranos do Vietnã no Congresso.